

# DESDOBRAMENTOS DISCURSIVOS DA EXPERIÊNCIA DA CARNE CRISTÃ NAS MATRIZES DE CONDUTA CORPORAL DAS MÃES NA ATUALIDADE

Rebeca Barbosa Nascimento<sup>1</sup>  
Rodrigo Barbosa Nascimento<sup>2</sup>  
Suelane Gonçalves Santiago Lima<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo construir reflexões a respeito do discurso, da natureza e das matrizes de conduta deslocadas dele nos desdobramentos da experiência da carne cristã e dos corpos das mulheres mães na atualidade em suas condições de possibilidade. Para tanto, partimos das discussões propostas por Foucault sobre o discurso da natureza como lugar de demarcação e categorização das relações entre os sujeitos e a moral cristã na instituição de estratégias de domínio de Si para construção de uma experiência funcional da carne.

**Palavras-chave:** Natureza. Moral cristã; Corpo; Experiência.

## DISCURSIVE DEVELOPMENTS OF THE EXPERIENCE OF CHRISTIAN FLESH IN MATRICES OF MOTHERS' BODY CONDUCT CURRENTLY

**Abstract:** The present work aims to build reflections on the discourse of nature and the patterns of conduct displaced from it in the unfolding of the experience of the Christian flesh and the bodies of women mothers today in their conditions of possibility. Therefore, we start from the discussions proposed by Foucault about the discourse of nature as a place of demarcation and categorization of the relationships among subjects and Christian morality in the institution of self-mastery strategies for the construction of a functional experience of the flesh.

**Keywords:** Nature; Christian morality; Body; Experience.

1 Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana, mestre em Estudos Linguísticos e graduada em Letras Vernáculas, também pela mesma instituição. É bolsista Fapesb e está vinculada aos grupos de pesquisa Labedisco (Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo - UEFS/Cnpq). E-mail: corpusrebecanascimento@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491328736293474>.

2 Acadêmico do curso de Psicologia da Escola de Ciências da Saúde e Bem-estar da Universidade Salvador - Laureate International Universities (UNIFACS), em Feira de Santana - BA. Graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Pesquisador no LABEDISCO/CNPq - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (UEFS). Também é membro do Núcleo de Estudos em Comportamento, Filosofia e Psicanálise. E-mail: nascimento@uefs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1809369777759390>.

3 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Linguística e Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa, nível Lato Sensu, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Integrante do Labedisco/CNPq - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. E-mail: su.elane@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6986364444852346>.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho = nasce de inquietações que encontram o corpo na existência das mulheres e das mães. Ao encararmos essas inquietações, foram tomando forma ao nosso redor múltiplas vozes que nos levam à percepção de singularidades deslocadas de uma vivência coletiva, na qual outros corpos relacionam-se entre si, atuando sobre os modos porquê das formas de vida das mulheres mães.

Tais relações, aqui denominadas linhas de força, atuaram (e continuam atuando) na modificação dos aspectos práticos da vivência diária, empurrando os corpos das mulheres para posições e condutas que precisam ser questionadas, configurando processos de subjetivação. A escolha por refletir acerca dessas inquietações se fundamenta no fato de que a questão do sujeito em Foucault ganhou destaque singular com a defesa do autor de uma experiência de pensamento que sempre carrega, em seu aspecto central, a dinâmica da mudança e conhecimento de si enquanto forma de domínio sobre si mesmo, ainda que haja posições vistas, *a posteriori*, sob o leito de uma questão permanente ou mais duradoura, em diferentes prismas ou situações.

Para falar de processos de constituição e domínio de Si, assumimos, em sua totalidade, a mobilidade enquanto parte importante do entendimento nos procedimentos que atuam nas margens dos sujeitos. Iniciamos essa reflexão falando desse caráter transitório por entendermos que as estratégias da formação dos sujeitos, por consequência, o controle de seus corpos, não são estáticas; movimentam-se, interno e externamente, atuando nas normas de conduta e nas condições de possibilidade desses corpos. Nesse sentido, para tratar dos corpos das mulheres, traremos à luz o discurso da natureza e sua importância para as ciências do pensamento como instituição

viabilizadora da circulação de saberes sobre o corpo em sua conexão com o natural, como parte de um universo em funcionamento.

Essa proposta é construída relacionando-se com os deslocamentos de sentido do natural, enquanto parte da natureza, para a norma na conduta das mulheres mães e seus corpos; um natural que se deslocaria para a normalidade, lugar de privilégio nas práticas do poder, estabelecendo relação com os jogos de verdade constitutivos dessas relações. Esses deslocamentos nos levam a questionar, também, a ordem da visibilidade; a natureza, enquanto parte constitutiva do visível, e os deslocamentos para a conduta dos sujeitos e suas condições de possibilidade, estabelecendo, então, o que pode ser visto e dito em determinado lugar na história.

É necessário salientar que essas condições de possibilidades delimitam experiências possíveis para a conduta dos corpos, que é, nesse momento, nosso guia. Em que medida o discurso da natureza e as matrizes de conduta deslocadas dele estabelecem relações com a experiência da carne cristã e com os corpos das mulheres mães na atualidade em suas condições de possibilidade?

## A NATUREZA E A RELAÇÃO COM A CARNE

Foucault (1992) reflete sobre o discurso na natureza enquanto lugar de demarcação, sendo o estabelecimento da relação entre a linguagem e determinados objetos. Nessa perspectiva, o autor traz que a relação entre a natureza e os sujeitos estabeleceria ordem enunciativa para aquilo que existe no mundo, que seria delimitado a partir de métodos e estratégias específicas, em um jogo de caracterizações. A delimitação pela nomeação, a comprovação na relação com o natural, em um jogo de práticas de verdade, torna possível a emergência de discursos que habitam o social e materializam-

se em nossas relações. Temos, então, todo um conjunto de saberes que circulam e caracterizam-se no em nossas vidas como práticas, tomando como lugar de validação a relação com a natureza.

Os princípios que tomamos, a partir de Foucault, enquanto matrizes normativas para uma conduta aceitável dos corpos das mães nesse estrato histórico e filosófico, foram deslocados em um pensamento e, principalmente, em práticas cristãs. Em consonância com essas práticas, que se estabelecem na necessidade de vigília sobre o corpo para controle das condutas e alcance da temperança, a procriação é a consequência natural e aquilo que se almeja do ato sexual. Em sua natureza elementar, o sexo obedeceria a necessidade de perpetuação da espécie.

Foucault (2010) questiona a “natureza das coisas” em uma releitura aristotélica acerca das formas de governo. Tomamos a perspectiva da excepcionalidade de determinados sujeitos, trazida por Foucault (2010) em sua leitura de Aristóteles, enquanto a permissão que certos sujeitos possuem de falar sobre algo em algum lugar. Assim, tratamos aqui de um regime de condições de possibilidade que tornam possível que um dado discurso venha à tona atuando em formas de governo da conduta de nós mesmos e nossos corpos. Para tanto, faz-se necessário que se possa controlar aquilo que nos descompensa, estando atento para as intempéries que nos cercam.

Sobre os homens excepcionais (como excepcionais, lemos homens dotados de certa autonomia de pensamento, homens livres e brancos), Foucault (2010) nos traz que, partindo de Aristóteles, sobre a excepcionalidade não é possível que apliquemos a regra comum do exílio, ou seja, tratando de sujeitos excepcionais, caberia a nós a obediência de certos domínios de saber que comporiam essa excepcionalidade em uma conduta a ser seguida, ratificando a existência de uma natureza das coisas. Assim, a excepcionalidade

se constitui e é materializa em um entendimento sobre a lógica do universo, uma dada ordem das coisas que nos coloca em posições essenciais, determinantes de nossa constituição.

Para facilitar esse entendimento, outro deslocamento é possível de ser colocado para que estabeleçamos o lugar do discurso da natureza pensado pelo filósofo a partir de suas leituras. Essa natureza é retomada por Foucault (2010) mais à frente em sua reflexão a respeito do conhecimento de Si a partir dos diálogos socráticos. Foucault retoma a questão do cuidar de si e dar conta de si mesmo levando em conta que a instauração de um Si consiste em dar conta de uma certa maneira de viver.

Essa forma de conduzir a Si deve seguir uma ordem universal, natural, que constitui uma lógica de funcionamento do mundo em aproximação à criação divina. Temos, então, que demarcar alguns pontos fundamentais sobre a articulação do pensamento de Foucault a respeito da natureza e no estabelecimento de um cuidado de Si.

## **A NATUREZA, O CUIDADO DE SI E A CONDUTA DO OUTRO**

Tomando a cultura greco-romana como base de reflexão, Foucault (1983) trata dos aspectos que atuam na formação de uma cultura de Si, pensando que a cultura de Si, enquanto questão filosófica e histórica, assume lugar de interesse em uma construção de nós mesmos. Tal interesse se firma no fato de que essa cultura possui imbricamento com cuidar de Si, cuidado que consiste em um estabelecimento de práticas e condutas que partem de um determinado conhecimento de Si para uma certa experiência da carne. Logo, temos que uma cultura de Si relaciona-se com a ideia de cultivar-se, conhecer-se, voltar-se a si para saber suas condições de existência de forma a estabelecer novas relações de Si consigo mesmo.

São estabelecidos aqui pontos importantes para o entendimento das dinâmicas de Si na cultura greco-romana a partir de Foucault: cultivar a Si é uma prática constante, uma prática de vida que visa o alcance de uma certa condição de liberdade. Por liberdade, entendemos o domínio de Si, a capacidade de dominar as condições de sua própria conduta para uma existência plena consigo mesmo, construindo sentidos a respeito de Si em uma dada rede de relações. O cuidado de Si, nesse momento, estabelece práticas de sujeito consigo próprio, em uma ética de vida, uma certa arte de viver.

É preciso refletir que o movimento de Si consigo traz importantes condições para o pensar no Outro. Ao cultivar a Si, os sujeitos se veem em meio a 3 linhas de força fundamentais: as relações com a verdade, com as obrigações, consigo e com os outros. Chamamos atenção para esse momento da história das ideias como importante no estabelecimento de regimes de controle sobre as mulheres: é preciso entender que, em uma sociedade de homens, pensada para homens, ainda na antiguidade greco-romana as mulheres eram parte de um cuidado do homem consigo mesmo, uma vez que cuidar do lar e “dos seus” é parte do bem viver.

Temos, então, margens de deslocamento para pensar no Outro enquanto parte constitutiva de si mesmo e o estabelecimento de verdades para a conduta desse outro. Esse deslocamento do Outro para a constituição de Si possibilita a emergência da vigília das condutas na garantia do bem-estar e a necessidade de implementar matrizes de comportamento aceitáveis, uma certa conduta corporal, não mais apenas para o alcance de uma prática de liberdade individual, e sim para garantir a manutenção da ordem social para um suposto bem-estar coletivo.

Entendemos, então, um movimento genealógico do governo e domínio de Si que se desdobra para o governo e domínio do Outro,

importante nó discursivo que instaura todo um conjunto de práticas e verdades cristãs importantes para a construção de nós mesmos nessa atualidade.

Sob esse recorte, Michel Foucault (2019) dá seguimento à problematização de questões que atuam nas interfaces do nó discursivo, que atravessa quem somos em um dado estrato histórico, pensando a sexualidade enquanto imersa em discursos sobre a natureza. Imersos nesse campo do saber estão o sexo, a história e o saber moral como verdade, atuando em nossa conduta enquanto sujeitos do desejo, o que se encontra como ponto central dessa questão, visto que é na história que os discursos se desdobram e se consolidam nas virtualidades possíveis para nós.

No primeiro capítulo das *Confissões da Carne*, pode-se observar como Foucault (2019) tece uma teia arqueogenealógica das técnicas de construção de Si e do Outro, em um primeiro momento, a partir dos escritos de Clemente de Alexandria e de Santo Agostinho, bem como a moral cristã toma saberes e condutas de base estoica que partem da observação da natureza para a implementação de uma regra de vida, que apresenta-se enquanto estratégia de domínio dos corpos, pregando uma determinada experiência possível da carne.

Apontamos para a importância de estarmos atentos às estratégias de articulação dos discursos na retomada do cuidado de Si como prática de governo dos corpos na regra de vida cristã, uma vez que esse deslocamento será ponto fulcral para que o discurso da natureza atue nos entornos do sujeito do desejo e nos corpos que agora colocamos em foco. Nessa genealogia, evidencia-se o ponto de junção entre a história e o corpo. Assim, temos o ponto no qual a história se materializa no corpo, marcando essa superfície.

Foucault (2019) toma *O Pedagogo* (livro no qual o filósofo Clemente de Alexandria apresenta para os cristãos recém convertidos e batizados exercícios de encaminhamento a Deus) para refletir sobre

como uma rede específica de memória, que parte de saberes vinculados à observação da natureza e domínio dos desejos e seus elementos evocativos, recriam momentos em que o passado e o presente coexistem nos discursos que encontraram como espaço de materialidade o corpo cristão. Ao pensar sobre aquilo que evoca os desejos, retomamos o que o autor nos fala sobre a *Aphrodisia*.

Foucault (1984) reflete que o regime de *Aphrodisia* constitui-se de atos, gestos, contatos que “proporcionam uma certa forma de prazer” (FOUCAULT, 1984, p.53). Parece-nos importante retomar o histórico interesse nas estratégias de conduta de Si que atuam nos domínios dos prazeres de forma a alcançar uma dada prática de liberdade (e lembrar que dominar o prazer é dominar a si mesmo em uma tomada de consciência) para pontuar que quando colocamos acima os deslocamentos das práticas de cuidado e *culto* a Si refletidas em escritos aristotélicos e, a seguir, na filosofia estoica, estamos atentos ao fato de que *Aphrodisia* não vai nos dizer do objeto do desejo, como um objetivo a ser alcançado, nem da origem do desejo; procura-se estabelecer o que o motivaria ou seu nascedouro.

A questão central se debruça sobre a dinâmica dos desejos, sobre seus *modos* de circulação, *como*, *com o que* e a *quem* esses desejos se conectam. Logo, nos *Aphrodisia* gregos o que se consolida como ponto de questionamento não nos leva a uma *natureza do desejo*, mas como determinados desejos se estabelecem ou não em relações de força e seus modos de inserção em uma regra de vida que busca afirmar-se como um todo, dominar-se como um todo.

Dentro dessa estética da existência, não se constrói uma ontologia da falta, do proibido e do permitido, mas uma questão de intensidade já que “a divisão que se faz é entre o menos e o mais: moderação ou incontinência” (FOUCAULT, 1984, p. 57). Foucault (1984) nos diz ainda que por mais naturais e mesmo necessários que possam ser, os

*Aphrodisia* não se distanciam de constituir-se objeto de um cuidado moral; o que é solicitado é uma certa delimitação que permita fixar até que ponto, e em que medida, é conveniente praticá-la.

A reflexão moral sobre os aphrodisia tende muito menos a estabelecer um código sistemático que fixaria a forma canônica dos atos sexuais, traçaria a fronteira das interdições, e distribuiria as práticas de um lado e de outro de uma linha de demarcação, do que a elaborar as condições de moralidade de um ‘uso’: o estilo daquilo que os gregos chamavam de *chresis pabrodision*, o uso dos prazeres (FOUCAULT, 1984, p. 67).

Não passa despercebida a desconfiança dos gregos no prazer e nas intempéries que nos levam a uma saída de nós mesmos. Essa desconfiança, esse receio, ainda que orientado de forma distinta do que temos *a posteriori*, é importante para esse fio genealógico que traçamos, já que desconfiar é ponto central para a vigilância e se estabelece fortemente no caráter ordenante da moral cristã.

Foucault (1984) nos mostra como essa dada forma de compreensão do mundo já existe nas brechas das práticas dos *Aphrodisia* ao nos dizer que:

[...] existe uma razão positiva para aquilo que poderíamos perceber retrospectivamente como “reticência” ou “reserva”. É que a maneira pela qual se considerava os aphrodisia, o tipo de interrogação que se lhes endereçava, era orientada de modo totalmente diverso de uma busca de sua natureza profunda, de suas formas canônicas ou de sua potência secreta. (FOUCAULT, 1984, p. 53)

Assim, é fundamental observar como os deslocamentos dessas técnicas de Si, entre elas a reticência e a reserva, vigentes em um regime dos *Aphrodisia*, marcam não apenas um lugar, mas a identidade dos filósofos e pagãos em um ideal de conduta de Si deslocado e legitimado em uma conduta cristã, sustentada por um discurso de fé.

A reticência e a reserva são materializadas nos sons, imagens e perfumes que remontam o desejo. Nesse recorte, a crença na existência de

músicas que enfraqueciam a alma e espetáculos que seriam capazes de alcançá-la e envenená-la alude a capacidade evocativa de determinadas memórias, lembranças daquilo que se deseja e que deve ser evitado e/ou dominado.

Essa reserva se desloca na história, nos discursos que levam ao controle em nome da fé e da salvação; o cristianismo estabelece a reticência enquanto forma de governamentalidade ao materializar, através da expurgação do desejo e daquilo que o evoca, o mal, o pecado, a contenção, a temperança.

## **POR UMA EXPERIÊNCIA NATURAL DA CARNE**

Quando evidenciamos a reserva e a contenção do corpo como pontos de observação, torna-se possível observar como o comportamento sexual dos sujeitos foi condicionado e subordinado a uma ética cristã da carne, para a qual a temperança, enquanto comedimento, tem papel fundamental. Nesse panorama, Foucault reflete sobre a moralidade sexual e traça a constituição dos *Aphrodisia* como campo de cuidado ético e moral.

Inicialmente, Foucault (1984) faz referência aos *Aphrodisia* em uma dinâmica que traz à luz determinadas práticas que evocariam o prazer e, mais especificamente, poderiam nos tirar a condição de dominantes de nós mesmos. Essas práticas, mais precisamente, às dinâmicas de intemperança (*akrasia*) proporcionada pelos prazeres do corpo, exceto os da visão, os do ouvido ou os do olfato.

Entre os sentidos que fragilizam a boa conduta do ser humano, como a visão, a audição e o olfato, quando Foucault (1984) reserva especial atenção aos sons, imagens e perfumes, o que ele nos deixa claro é como a vigilância assume lugar de controle das tentações, pois estes abrem portas para condutas que dão prazer ao corpo e revelam o desejo da alma intemperante e desgovernada em sua profundidade.

Sobre essas reflexões, Foucault (1984, p.61) afirma:

[...] a *akrasia* não é, como a intemperança, uma escolha deliberada de maus princípios; convém compará-la de incontinente se deixa levar, contra sua vontade e a despeito de seus princípios razoáveis, seja porque não tem força para operá-los, seja porque não refletiu suficientemente sobre eles: e é isso mesmo que faz com que o incontinente possa curar-se e aceder ao domínio de si.

Por isso, é possível considerar o corpo uma prisão, que em sua implacabilidade é subordinada ao que é mais profundo dos entrelaçamentos discursivos. Assim, comportamentos, sensações, desejos e imagens simbolizam um conjunto de elementos que remetem ao problema moral da conduta sexual para o cristianismo.

Foucault coloca em discussão quatro tipos de “estilização da conduta sexual” (FOUCAULT, 1984, p.46) desenvolvidos em campos e propósitos com perspectivas distintas referente às reflexões sobre os *aphrodisia*: Dietética (corpo), Econômica (casamento), Erótica (rapazes), Filosofia (verdade). Essas noções tocam fortemente as problematizações de Foucault em *As confissões da carne*, visíveis, sobretudo, quando pontuamos verdades cristãs em uma perspectiva arqueogenológica das leituras filosóficas que nos são apresentadas ao longo de suas reflexões e os deslocamentos do discurso da natureza.

Em certo distanciamento com a ideia de razão, o logos, ela é utilizada nos alicerces de uma moral cristã que materializa saberes históricos sobre uma conduta econômica e controlada do corpo. O logos presente nas referências realizadas por Clemente de Alexandria e expostas por Foucault em *As confissões da carne* se refere uma lógica natural, tomada a partir da observação da natureza, passível de conhecimento através de uma relação sinérgica com Deus, que possui seu ponto crucial no uso dos corpos no ato de procriar, pois é nesse momento que o homem, por reprodução do ato divino de

criar, se assemelha mais com seu criador. É preciso enfatizar, entretanto, que ao distanciar-se da noção de logos enquanto lógica do universo que emerge de práticas pagãs, temos um deslocamento para um logos que se assume na lógica do universo conexão com a perspectiva de divino, que se consolida na moral cristã. Por isso, Almeida, Milanez e Moura (2021) nos dizem que existir em conformidade com o logos implica um cuidar de si, do corpo e da alma, para conduzir-se para a vida eterna.

A relação entre procriação e o *logos* é vista como sagrada e aproxima a natureza humana da natureza divina e, por uma relação lógica, o ato da procriação que não se relaciona com o *logos* afasta a natureza humana da sua possibilidade de assemelhar-se a uma natureza divina. A natureza, enquanto criação fundamental de Deus, nos conecta a verdade sobre nós mesmo e torna possível para nós compreendermos a conduta necessária para que alcancemos uma existência plena.

Em seu caráter observacional, a natureza fornece matrizes de comportamentos aceitáveis à conduta de nossos corpos, possibilitando o deslocamento do discurso da natureza e seu desdobramento em uma normalidade, uma conduta que estaria de acordo ao funcionamento natural do universo. Nesse jogo, possibilita-se também a uma ordem de invisibilidade para comportamentos fora da conduta natural, forjando um discurso de contranatura através do estabelecimento de uma ordem *lógica* de visibilidade para nossa conduta moral.

O que observamos é que a leitura foucaultiana de Clemente de Alexandria traz à tona entrecruzamentos da autoridade das escrituras, da filosofia, e dos médicos ou naturalistas (representantes sociais da ordem da natureza) através da importação de lições e exemplo relacionados ao uso do corpo que atuam na articulação de nós discursivos que se encontram

na condenação das relações “contranatura” e nas recomendações de reserva no uso do casamento, discursos esses que refletirão não apenas no uso do corpo conforme o *logos*, mas também na vigilância das sensações provenientes desses usos convertendo a temperança como elemento central de uma boa conduta do corpo.

## **CRIAÇÃO E PROCRIAÇÃO: APROXIMAÇÃO COM O DIVINO**

A leitura foucaultiana de Clemente de Alexandria nos permite refletir sobre a associação histórica da natureza, o *logos* e como esses discursos encontram no corpo superfície de materialização discursiva. Essa materialização, que nos leva a um corpo marcado pela e para a procriação, estabelece, na moral cristã, contornos de uma funcionalidade social e biológica, em especial, para os corpos das mulheres.

Ao delimitar que o corpo é para a criação e para a procriação, temos um corpo objeto no qual impera a desqualificação do prazer. Logo, se o corpo é dado para procriar e reproduzir, instâncias outras das necessidades humanas são desprezadas, vigiadas, governadas e, conseqüentemente, controladas. Nesse caso, em razão da vigilância do divino, mais do que o sujeito, o corpo é privado do desejo (in)voluntário e do prazer carnal na dispersão de práticas coercitivas de ser e de viver entre os casais.

As formas de subjetivação dos corpos materializam-se justamente na “carne”, compreendida por Foucault (2019, p. 64) como “um modo de experiência, quer dizer, um modo de conhecimento e transformação de si por si, em razão de uma certa relação entre a anulação do mal e manifestação da verdade”, é a experiência da contenção e suas formas de veridicção que vão mensurar o corpo ascético e cristão por meio de uma obrigação ritualizada.

Como discurso de verdade e legitimação do fazer ascético, Foucault (2019) problematiza como o *Logos* transita entre a fé, o divino e o discurso da natureza. Os primeiros estão no campo da abstração ao passo que o último dialoga com o real, o natural do corpo. O ensinamento do *Logos* em *O pedagogo* materializa-se na relação entre o céu e a Terra. Vemos, portanto, como o corpo configura-se como uma superfície de interdição, apagamento, (des)subjetivação e punição em “um regime do sexo e uma moral do casamento”. (FOUCAULT, 2019, p. 34)

Foucault (2019) fundamenta e integra ainda ao texto uma alusão à tripla referência, que se desdobra na tripla determinação do *Logos*: natureza, razão filosófica e palavra de Deus.

[...] a dos naturalistas e dos médicos, que mostra como a natureza os fundamenta e manifesta a sua racionalidade, testemunhando assim a presença do Logos como princípio de organização do mundo; a dos filósofos e, sobretudo de Platão, o filósofo por excelência, que mostra como a razão humana pode reconhecê-los e justificá-los, testemunhando que o Logos habita a alma de todo o homem”. (FOUCAULT, 2019, p. 28)

Partindo da premissa de natureza abordada por Foucault, identificamos que para o estoicismo, a natureza é o divino, assim como para o cristianismo, que não deixa de dispersar o discurso da contranatura, porém em perspectivas e lugares de equivalência muitas vezes distintos, ou ainda, em outras possibilidades de divindade.

Dado esse furor, emerge o discurso da contranatura, devido às inclinações naturais do corpo tomadas ao contrário, sobretudo no que tange às partes constituintes do corpo ‘destinadas’ arbitrariamente a funções específicas. Nesse caso, a procriação, processo no qual o corpo da mulher se transforma ao ser dado à fecundação, à gestação, à parição, à amamentação, à criação e à procriação.

Observamos ainda que o deslocamento do discurso da natureza difundido a propósito

do cristianismo e presente em *O pedagogo* tem grande reverberação nos saberes sobre as mudanças interiores das transições hormonais e seus efeitos nas condutas, sentimentos e desejos (in)voluntários. Vemos assim, o corpo-discurso no visível e no enunciável de sua materialidade orgânica. Desta feita, observamos que Clemente de Alexandria, assim como o cristianismo, recusa a hipótese do corpo contranatura e suas condutas. A interdição desse corpo apaga e deslegitima a rejeição à procriação, como se o corpo devesse assumir apenas a função essencial de procriar ao se relacionar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acionar o discurso da natureza de alguns animais e suas descrições anatômicas para problematizar os comportamentos sexuais dos humanos, Foucault (2019) afirma que mais importa a sua dinâmica de atividade do que a forma que os constituem. Logo, o ato, o desejo e o prazer são o motor dessa dinâmica e constituem perigo para o sujeito, pois reside no desejo daquilo que lhe é agradável e que deve ser contido para que o sujeito não tenha nublado sua capacidade de ponderação e seu julgamento.

A problematização dessa dinâmica pelo cristianismo nos permite observar a arbitrariedade de uma estreita e perigosa relação entre o desejo e o prazer, uma vez que desejo que levaria ao ato, ato este que é ligado ao prazer, prazer este que suscita o desejo, além de constituir um objeto de reflexão moral para os gregos, dada a força que liga esses elementos entre si que incide sobre o sujeito, o leva à falta. Um ciclo que se desdobra em formas de controle dos sujeitos ao exaurir a materialidade corporal.

Atentamos o olhar ao fato que na referência ao casamento, o corpo da mulher é controlado a ponto de considerarmos sua analogia ao corpo da



Virgem Maria como uma extensão da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Portanto, uma mulher é tocada apenas pela palavra, ou seja, pela verdade que a subjetiva e a coloca por meio da fé no lugar de corpo produtivo ao ser dado à procriação.

Assim, a atividade e passividade dos corpos, em especial os das mulheres, no ato sexual é discutida e problematizada segundo os preceitos de natureza e de (a)normalidade, deslocando-se historicamente para a demarcação da docilidade dos corpos das mulheres enquanto condição de existência.

Ao deslocarmos o olhar acerca dessa condição, temos, na constituição da sexualidade e da ética da carne, a desqualificação não apenas do prazer, mas do corpo e suas consonâncias com a alma subordinados ao campo de cuidado moral e de gerenciamento de si, os quais nos levam a pensar em uma de hermenêutica de si ao longo da história e que toca o 'nós' da atualidade.

Por isso, a imposição de um regime coletivo de contenção e temperança para o controle do desejo, nesse caso sexual e carnal, para o domínio dos corpos e garantia de efetividade na funcionalidade social é de grande relevância para o estabelecimento histórico de uma conduta corporal para as mulheres que deságua em condutas possíveis para as mães.

Isso configura um processo de governamentalidade imposto pelo cristianismo ao longo da história, condiciona a autonomia dos sujeitos sobre si a uma ordem institucional de poder por meio de uma fé na qual se humaniza e dignifica a existência de um Deus superior a tudo e a todos, representado no discurso do poder pastoral pela multiplicação de técnicas de ideal ético e moral nas quais a sexualidade deixa de ser apenas elemento de uma obra de arte erótica.

Agora, a sexualidade configura-se em uma arte de governar por meio de mecanismos político-pedagógicos de ser e de viver, cujas relações são

tecidas e atravessadas pela moral dada a constituir e subjetivar sujeitos a ponto de docilizar seus corpos por meio de uma sujeição constante, lhes atribuindo uma relação de "docilidade-utilidade". Dessa forma, um corpo útil é visto como aquele treinado, temperante e em constante continência, constituindo-se em experiências históricas.

Os focos de experiência constituem suma relevância para a ideia de um Si enquanto desdobramento de possibilidades que nascem no coletivo. Foucault (2010) coloca a pragmática de si enquanto prática social concreta, engendrada em uma rede de saberes históricos, sociais, filosóficos, geográficos, linguísticos, econômicos e de outras naturezas que compõem uma história das formas de veridicção, ou seja, os mecanismos que atuam na constituição de certas verdades lógicas a respeito da conduta dos indivíduos.

Desobedecer a essa lógica, então, é uma transgressão, dita irracional, que conduz a ultrapassar os limites impostos pela própria razão, por isso os impulsos guiados pela paixão podem ser classificados como excessivos, associando à ideia de *pathos*, de desmesura, que demarca historicamente o lugar dos desvios e das patologias. Assim, temos as faíscas da moral de funcionamento dos corpos para a reprodução, no que tange às mulheres, e a categorização desses corpos enquanto receptáculos frágeis e, por vezes, doentes.

Entendemos, portanto, que nossa missão se baseia na problematização do corpo e de suas extensões no campo da sexualidade com a tomada da moral grega para o cristianismo, a partir da leitura de Foucault, com o propósito de governo não apenas do sujeito em sua singularidade, mas da coletividade dos corpos, sobretudo, pelo reconhecimento da sexualidade enquanto uma instância que oferece perigo ao equilíbrio do sujeito, levando-o ao transbordamento de si por se tratar de uma demanda de ordem natural das consonâncias da carne e, por isso, uma via de acesso eficiente

e produtiva na constituição de subjetividades e coerção dos corpos.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 6.ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade II: o uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. História de Sexualidade I: As Confissões da Carne. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.

\_\_\_\_\_. O governo de si e dos outros. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MILANEZ, Nilton; MOURA, Ismarina Mendonça de; ALMEIDA, Beatriz Souza. O Corpo esteja convosco e ele está no meio de nós. In: MILANEZ, Nilton. GAMA-KHALIL, Marisa Martins. PRATA, Vilmar. Domínios da carne: ensaios sobre a sexualidade em Foucault. 1ed. Salvador, Bahia: Labedisco, 2021.

**Submissão: julho de 2021**

**Aceite: setembro de 2021.**